

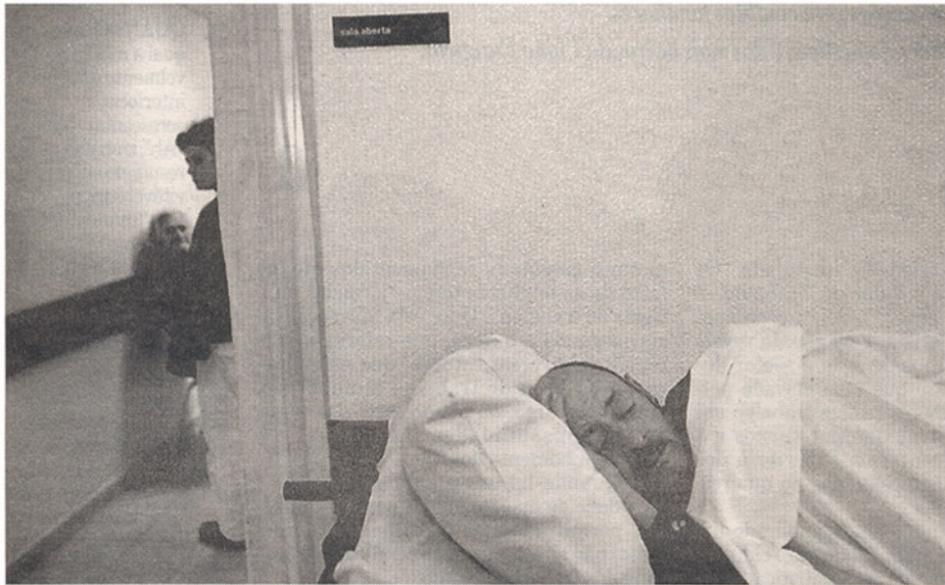
Livro sobre o tema é hoje lançado no Centro Cultural de Belém, em Lisboa

Metade dos doentes sem tratamento da dor

A DOR pode ser tratada de uma forma simples em cerca de 90 por cento dos casos. Mas nos doentes com cancro, por exemplo, estima-se que apenas metade consiga o tratamento adequado para as dores que sofrem. Nos países desenvolvidos, porque nos outros pode nem chegar aos dez por cento, diz Lourenço Marques, director da unidade de tratamento de dor do Hospital do Fundão.

Dar mais visibilidade ao problema da dor é o objectivo do livro "Dor Oncológica e Unidades de Dor", que é hoje lançado no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, às 18h00. Os motivos para que se trate tão pouco a dor são vários: o presidente da Associação Portuguesa para o Estudo da Dor, Nestor Rodrigues, destaca, entre outros, a falta de formação - "se o tema só é tratado na pós-graduação, onde é que os clínicos gerais aprendem?", pergunta -, de divulgação e de investigação por parte dos laboratórios. Lourenço Marques queixa-se também da falta de formação e diz ainda que os pacientes não são encaminhados para as consultas: "Por vezes os doentes vão à unidade de tratamento de dor por indicação dos familiares". Noutros casos, os doentes não se queixam. E noutros ainda, os médicos têm medo de usar

DANIEL ROCHA



Por vezes, os pacientes não são encaminhados para as consultas da unidade de tratamento de dor

fármacos como a morfina, devido ao mito que a rodeia: a dependência é os efeitos secundários. Mas Lourenço Marques garante que com uma utilização correcta não há qualquer problema. Também Nestor Rodrigues refere o "mito da morfina": "Às pessoas julgam que se tomam morfina já estão às portas da morte, e isto não é verdade." Mas, "até chegar à morfina ainda há uma panóplia de terapêuticas possíveis", sublinha. Só é usada "em situações bem definidas e quando tudo o resto falha".

A dor pode ser vista como um sintoma de doença. Mas pode ser muito mais do que isso. A "dor-doença" é crónica, e surge associada muitas vezes ao cancro, sida, diabetes ou a doenças ligadas ao aparelho locomotor. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, cerca de 25 a 30 por cento da população sofre de dor crónica e 15 a 20 por cento de dor aguda.

Em Junho passado foi comemorado pela primeira vez o Dia Nacional de Luta contra a Dor. A inclusão do tratamento da dor na estratégia nacional

de saúde parecia mostrar "vontade política e um sinal positivo", considerava, na altura, Lourenço Marques. Mas "estas coisas demoram", diz agora, esperando que a promessa de ter unidades de dor e de cuidados paliativos em 75 por cento dos sistemas locais de saúde seja cumprida. Nestor Rodrigues diz que este trabalho continua, "mas com a paragem que implica uma mudança ministerial".

Maria João Guimarães